

Consciência e intuição no pensamento de Henri Bergson: um olhar prospectivo

Consciousness and intuition in Henri Bergson's thought: a prospective look

Sinomar Ferreira do Rio

<https://orcid.org/0000-0001-5792-7673> – E-mail: sinomar@uem.br

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo debater algumas considerações acerca do desenvolvimento da intuição no pensamento de Henri Bergson. No encaminhamento dessas ponderações, mostrou-se necessário considerar a inteligência em sua funcionalidade para fins de refletir em que medida a atividade inteligente, conforme pensada por Bergson, se fez condição para o desenvolvimento dessa outra atividade vital, a intuição, que se atualizou, ainda que esparsa e fugidia, nessa espécie que se tornou inteligente. Nesse percurso, ressaltou-se que ambas as atividades, inteligente e intuitiva, originalmente em estado virtual na consciência ainda não diferenciada em suas práticas, se atualizam no interior da vida como movimentos originais de organização vital. Destacou-se também que, mesmo sendo diferentes em suas atividades próprias, comungam de uma origem comum, da qual nunca se separam por serem ambas atividades da consciência que a vida efetiva sobre si. O que se revelou foi que a inteligência evoluiu para ser uma atividade predominante, embora não exclusiva, no exercício da consciência que se transformou distintamente humana. A consciência intuitiva, não sendo de primeira ordem na organização vital por efeito das necessidades práticas que a vida organizada encontrou em sua trajetória, se efetiva, quando possível, mediante esforços individuais que visam uma aplicação generalizada. Contudo, ela permanece sempre contida pelas premências vitais em curso nessa espécie, caracterizada pela inteligência. O exercício proposto neste trabalho se deu por uma apreciação bibliográfica dos trabalhos de Bergson, sendo os comentários correntes um esforço em destacar as condições de efetivação, em suas divergências e complementaridades, desse processo de organização vital que se faz consciente.

Palavras-chave: Inteligência. Intuição. Consciência.

ABSTRACT

The present work aims to debate some considerations about the development of intuition in Henri Bergson's thought. In forwarding these considerations, it proved necessary to consider intelligence in its functionality in order to reflect to what extent intelligent activity, as thought by Bergson, was a condition for the development of this other vital activity, intuition, which has been updated, even how sparse and fleeting, in this species that has become intelligent. Along the way, it was highlighted that both intelligent and intuitive activities, originally in a virtual state of consciousness not yet differentiated in their practices, are updated within life as original movements of vital organization. It was also emphasized that, even though they are different in their own activities, they share a common origin, from which they never separate because they are both tasks of consciousness that life has effect on itself. What was revealed was that intelligence evolved to be a predominant, although not exclusive, activity in the exercise of consciousness that became distinctly human. Intuitive consciousness, not being of the first order in vital organization due to the practical needs that organized life encountered in its trajectory, is effective, when possible, through individual efforts aimed at widespread application. However, it always remains contained by the vital urges ongoing in this species, characterized by intelligence. The exercise proposed in this work was based on a bibliographical assessment of Bergson's works, with the current comments being an effort to bring out the conditions of implementation, in their divergences and complementarities, of this vital organization process that becomes conscious.

Keywords: Intelligence. Intuition. Consciousness.

Introdução

Ao nos movimentarmos na filosofia de Bergson, encontramos a inteligência como uma faculdade organizadora da realidade pela exterioridade, sendo a efetividade de sua operação um trabalho de fabricação de ferramentas capaz de suprir as condições de sobrevivência que a natureza não estabeleceu organicamente. Encontramos, também, que a inteligência, para organizar essa matéria de modo a fazer dela seus instrumentos de sobrevivência, deve pensar os meios e os fins que satisfaçam as necessidades vitais próprias a cada circunstância. Não sendo, neste caso, os meios e os fins definidos organicamente, a vida se viu hesitante e precisou fazer-se pensamento para que a ação encontrasse seus contornos apropriados para seguir seu curso. Ainda que em um primeiro momento seja pensamento da matéria, a vida, ao se fazer inteligência, saltou sobre o automatismo de espécie próprio da organização instintiva.

Com desenvolvimento da faculdade inteligente, como também lemos em Bergson, ocorre um movimento de despertar de consciência, de uma consciência distinta que, agora no trato com matéria de sua ação, estará, por implicação da função própria da inteligência, desperta constantemente, uma vez que estará regularmente em exigência de estabelecer as condições de sobrevivência, o que implica em pensar a todo momento os meios para a efetivação dos fins, que são originalmente os de organização das necessidades vitais.

No despertar de consciência que a inteligência oportunizou, a vida se encontrou com sua exterioridade ao se ver como organismo distinto, circunscrito por uma realidade que precisa manejar continuamente as condições circundantes para efeito de fazer com elas suas condi-

ções de ação. Esse olhar agora pela exterioridade do mundo que a envolve, propicia um crescente domínio sobre a realidade percebida por essa consciência inteligente.

Como salientamos, a vida, ao se fazer inteligência, produziu-se como aptidão de pensar. O desenvolvimento dessa capacidade permitiu que o seu domínio sobre a matéria se expandisse crescentemente. Mas essa competência de agir e refletir pela inteligência culmina em pensamento voltado para a matéria, ou seja, resulta numa apreensão da realidade que se atém à exterioridade. Essa é a inclinação natural do intelecto humano, seu modo próprio de pensar.

No âmbito da vida prática, essa inclinação é absolutamente adequada; a inteligência desenvolveu-se justamente para trabalhar sobre a materialidade e produzir, a partir dela, meios de sobrevivência. Um problema se instaura quando o homem, que aprendeu a pensar no trato com a materialidade, volta-se para pensar a vida sem se dar conta de que o objeto é outro, e, portanto, exige um método apropriado a sua natureza. Mas o que produziria no pensamento a advertência de que esse modo de pensar é inadequado para compreender a vida, se a maneira própria de pensar é inteligente? Seria a própria inteligência a promotora desse outro modo de raciocinar, que Bergson irá chamar intuitivo? Eis as questões que buscaremos responder, claro que nos limites deste trabalho.

1 Inteligência: uma condição vital para o desabrochar da intuição

É notório no pensamento de Bergson que a faculdade da intuição aflore e se desenvolva na espécie inteligente. Mas isso leva a outro questionamento: este afloramento e desenvolvimento da faculdade intuitiva, oportunizados pela atividade inteligência, podem ser pensados como progresso, de modo a ser a intuição uma atividade vital que se constitui pelo exercício pleno da inteligência? Noutros termos, seria a intuição não outra atividade que a da inteligência ampliando sua capacidade de apreensão da realidade, tornando-se mesmo capaz de abandonar os hábitos que apreendeu com a matéria para ver a vida tal como ela é em si mesma? Ou seria a intuição outro gênero de pensamento, uma outra atividade que se desenvolve de modo diverso ao da inteligência, que a vida traz consigo desde a origem, mas que precisava de um tipo de trabalho, o inteligente, para que ela recobrasse essa atividade específica de conhecimento, o intuitivo? Caso a última proposição seja confirmada, não estaria a inteligência para a intuição como estava o instinto para a inteligência¹, uma preparação para seu desabrochar e desenvolver como outro método de organização da vida?

Parece-nos possível encontrar resposta afirmativa junto à filosofia de Bergson para esta última consideração. Vemos Bergson advogar que a inteligência se desenvolve como um método de organização que era próprio à vida desde a origem, mas que se alçou à condição de forma predominante pelas asas do instinto², e que traz consigo essa outra tendência, que

¹ É necessário realçar que o dizer “estar uma para outra” não quer, de maneira alguma, indicar uma variação de grau entre uma atividade e outra, como se uma fosse a condição inferior sobre a qual outra se desenvolveria, constituindo um nível superior de atividade. Assim afirmar seria compreender essa questão da filosofia de Bergson à maneira aristotélica, o que se mostra inadequada para essa filosofia da duração. O que aqui queremos enfatizar é que uma faculdade, no caso a da inteligência, por requerer uma organização já constituída, dependeu do instinto para seu desenvolvimento, o que não significa dizer que uma avança sobre o movimento da outra como seu superior. O que se dá é que ambas as atividades seguem direções diversas, de modo a serem diferentes por natureza.

² “[...] Mas, por outro lado, a inteligência tem ainda mais necessidade do instinto do que o instinto da inteligência, porque dar forma à matéria bruta pressupõe já no animal um grau superior de organização a que só se pode elevar com as asas do instinto” (Bergson, 1979, p. 130)

permaneceria virtual³. Vemos também que o instinto era, na origem, intuição, que, por força das exigências de organização, acabou por restringir o seu contato com a realidade em porções definidas vitalmente⁴. Essas indicações destacam a concepção de Bergson de que a vida é um movimento em que tudo está interpenetrado desde a origem, de modo que cada tendência se desenvolve trazendo, de modo virtual, tudo o que vivia consigo antes de sua diferenciação própria.

Nesse sentido, a intuição mesma, isto é, não a intuição restringida em instinto pelas necessidades vitais, acompanha virtualmente a inteligência, de modo a ser uma atividade latente no interior da vida. O seu despertar parece corresponder a uma compreensão que a vida busca obter de si pela interioridade, uma visão integral que reflete seu movimento organizador: é o ato pelo qual a vida vê a si mesma em sua própria atividade criadora. Nessa ocorrência, a consciência retoma a posse plena de si, o que significa compreender interiormente o seu próprio fazer inteligente. Em outras palavras, a inteligência é compreendida em seu movimento vital, em suas funções organizadoras e em seus limites próprios, de modo a potencializar sua atividade sobre a matéria.

O movimento, nesse caso, é de integração, ou seja, uma atividade de consciência que se encontra em sua própria ação originária, e, nesse encontro, vê-se como inteligência capaz de refletir sobre si em sua origem e função. Esse movimento de reflexão, oportunizado pela atividade inteligente, abre uma fresta para que a intuição se desenvolva como consciência compreensiva de si como atividade criadora. Mas como se dá o início dessa ação apresenta-se como uma questão a ser entendida, pois o pensamento inteligente, por estar voltado para a materialidade, é incapaz, por si mesmo, de inverter sua direção e de se fazer método adequado para compreender a vida. Mesmo tendo presente essa incapacidade do intelecto, ou da razão humana, de servir-se de seus próprios recursos de modo que eles se tornem o método adequado de conhecimento da vida, conforme as razões apresentadas por Bergson em toda a extensão de sua filosofia, devemos ainda atentar para o papel que a inteligência desempenha nesse processo de tomada de consciência que a vida busca fazer de si.

Acompanhamos o autor no final do segundo capítulo d'*A evolução criadora*, ao sustentar que a intuição se desenvolve por meio da inteligência. Em seus termos: "[...] Mas se, com isso, ela ultrapassa a inteligência, da inteligência é que terá vindo o arranco que a terá feito subir ao ponto em que ela se encontra" (Bergson, 1979, p. 160). O contexto dessa fala de Bergson é instrutivo. Em um primeiro olhar, pode-se interpretar a inteligência como a mestra do processo, isto é, como promotora disso que se fez intuição; mas o contexto da fala, em nossa leitura, mostra o inverso.

A intuição, conforme mostra o filósofo em um momento imediatamente anterior, dá-se como um movimento de revisão das concepções que a inteligência apresenta sobre a realidade; no caso, quando seu saber quer abranger a ordem da vida. Reflete o filósofo: "[...] Mas, na falta de conhecimento propriamente dito, reservado à pura inteligência, a intuição poderá fazer-nos captar o que os dados da inteligência têm no caso de insuficiente e deixar-nos entrever os meios de os completar" (Bergson, 1979, p. 160). E acrescenta:

³ "O fato é que inteligência e instinto, tendo começado por interpenetrar-se, conservam algo de sua origem em comum. Nem uma nem outro jamais se encontram em estado puro" (Bergson, 1979, p. 124).

⁴ "[...] A vida, isto é, a consciência lançada através da matéria, fixava sua atenção ou em seu próprio movimento, ou na matéria que ela atravessava. Ela se orientava, assim, quer no sentido da intuição, quer no da inteligência. À primeira vista, a intuição parece preferível à inteligência, visto que a vida e a consciência nela permanecem interiores a si mesmas. Mas o espetáculo da evolução dos seres vivos mostra-nos que ela não podia ir muito além. Do lado da intuição, a consciência achou-se a tal ponto comprimida por seu invólucro que teve de amesquinhar a intuição em instinto, isto é, só abranger a mínima parcela de vida que a interessava – embora a abranja na sombra, tocando-a sem quase a ver (Bergson, 1979, p. 163).

[...] ela utilizará o mecanismo mesmo da inteligência para mostrar como os esquemas intelectuais não encontram mais aqui sua exata aplicação, e, por outro, por seu trabalho próprio, ela nos irá sugerir pelo menos o sentimento vago do que é preciso pôr em lugar dos esquemas intelectuais (Bergson, 1979, p. 160).

Podemos notar que o agente da ação é a intuição. É ela que nos faz captar a insuficiência da inteligência, bem como antever os meios de os completar. É ela também que se utilizará da própria inteligência para mostrar a inexistência da aplicação de seus esquemas em certos âmbitos da realidade, bem como sugerirá o sentimento vago de quais esquemas deverão substituir os fornecidos pela inteligência. Assim apreciado, parece não ser a inteligência que, por força de seu exercício natural, por meio de sua atividade própria, faz-se intuição. Parece mesmo que se trata de um movimento em que a consciência, vivendo intuitivamente sua experiência, alarga sua percepção de realidade e, colocando em revisão os fins para os quais a inteligência se constituiu, exerce sobre esta um trabalho de adequação de sua função, agora orientada pela intuição⁵ que a vivifica pelo interior.

O nosso esforço seguirá considerando a intuição como um movimento de criação de si que a vida, enquanto ação de consciência, efetiva pelo interior da realidade, de modo a pensar a inteligência como momento desse movimento mediante o qual a vida criou as condições necessárias para avançar em direção de sua efetivação como consciência de sua natureza, que é ser criação.

Nessa linha de raciocínio, a consciência que se determinou como inteligência e se refletiu pela exterioridade tende, por força da capacidade de pensar que sua atividade inteligente efetivou, a refletir sobre si e perceber, pela interioridade, que sua realidade é duração, isto é, interpenetração de todas as vivências que a compreendem. Diante dessa percepção, a própria inteligência, apreendida agora pela consciência que a engendrou, se verá na exigência de adotar a experiência concreta como fiadora de suas definições de realidade, de modo a estar sempre em disposição de revisar seu entendimento quando a experiência assim requerer. Essa leitura quer destacar que a filosofia de Bergson, ao invés de diminuir, potencializa a capacidade da inteligência. Mas também considera que essa filosofia, a de Bergson, quer a intuição como uma atividade de consciência que é anterior ao próprio exercício inteligente e dele se diferencia por ser um movimento de consciência que se interioriza.

Assim posto, ressaltamos que, em nossa leitura, a filosofia de Bergson não nega, por inteiro, a inteligência como faculdade produtora de entendimento da realidade. O que nos parece recorrente em sua crítica é o uso inadequado da inteligência, em particular quando recorre a ela para especular a realidade em seus fundamentos, sem antes ter posto em revista a sua função primordial, que é estabelecer as condições favoráveis da ação em curso. A inteligência é mesmo tida por Bergson como um meio adequado de apreender a dimensão material da realidade e obter dela sua organização inteligente, ou seja: desenvolver suas funções práticas pelo que a realidade material oferece como estrutura organizativa. Em nossa leitura, a

⁵ Estaremos, ao longo deste trabalho, procurando verificar qual o papel da inteligência no movimento de efetivação da intuição como meio adequado de conhecimento da vida. O tratamento dessa questão seguirá como esforço em não tinger a filosofia de Bergson de anti-intelectualista ou irracionalista, mas também cuidará em verificar o que, nessa filosofia, faz da intuição essa outra atividade complementar de conhecimento e mesmo vivificador da inteligência. Assim, buscaremos compreender em que sentido a “inteligência continua o núcleo luminoso em torno do qual o instinto, mesmo ampliado e aprimorado como intuição, constitui apenas uma vaga nebulosidade. Mas, na falta de conhecimento propriamente dito, reservado à pura inteligência, a intuição poderá fazer-nos captar o que os dados da inteligência têm, no caso, de insuficiente e deixar-nos entrever o meio de os completar” (Bergson, 1979, p. 159-160), como Bergson apresenta ao final do segundo capítulo d’*A evolução criadora*.

condição fundamental que parece impor-se como obstáculo a que a inteligência, por força de seu exercício, produza intuição está na própria função prática para a qual foi engendrada.

Como seguiremos argumentando neste trabalho, quanto mais a inteligência ampliar sua atividade, isto é, quanto mais ela se desenvolver e aprimorar sua funcionalidade, mais ela se encontrará com a materialidade e será capaz de organizar melhor a materialidade segundo seus interesses práticos. Em outras palavras, quanto mais a inteligência se desenvolver e ampliar sua atividade, mais irá imobilizar a realidade, ou melhor, mais se deterá nos aspectos da realidade que se dão como repetição. Essa parece ser sua tendência natural, a de obter da realidade o que interessa para a ação em curso, e, como a ação requer uma certa estabilidade, ela deve condicionar a percepção a receber ou a atentar ao que aparece na qualidade de mesmo, como se a mudança não fosse a própria condição da realidade.

Restabelecer a percepção e torná-la capaz de ser vivência na mobilidade própria da realidade parece exigir uma reeducação do modo de pensar que se desenvolveu ao longo da história humana. Essa exigência, entre outros momentos, pode ser destacada da conferência intitulada “A percepção e mudança”, que Bergson proferiu na Universidade de Oxford no ano de 1911, e que veio a compor o capítulo V do livro *O pensamento e o movente*. Imediatamente à fala na qual ressalta que, mesmo olhando a mudança e dela falando, efetivamente não pensamos nela, Bergson adverte que “[...] Para pensar a mudança e para vê-la, há todo um véu de prejuízos que cabe afastar, alguns artificiais, criados pela especulação filosófica, outras naturais ao senso comum” (Bergson, 2006, p. 150-151).

Esse véu de prejuízos, conforme podemos ler na sequência de sua fala, é constituído mediante a limitação perceptiva dos sentidos e da consciência, próprios da experiência humana. Parece que todo o prejuízo se instaura quando o senso comum e, em especial, o filosófico, vendo-se diante de uma realidade que se dá para eles como descontinuidade, forjam, como meio de assegurar uma certa consistência que lhes dê firmeza na existência, concepções e raciocínios. Assim, se a concepção inicial se dá de modo insuficiente, se ela já é em sua ocorrência interposta por vazios de percepção⁶, o pensamento, ao se firmar na formulação de concepções e raciocínios, que são abstrações e generalizações, ratifica o modo segmentado de apreensão já inscrito no modo perceptivo e acaba por distanciar-se demasiadamente da percepção. A filosofia, que deveria ser um esforço em apreender essa mesma realidade antes do corte que a inteligência operou sobre a continuidade, que é a condição originária do real, e assim obter uma percepção integral dessa realidade em pensamento, acaba por operar um distanciamento mais agudo sobre o real que se fez objeto de contemplação filosófico. Assim faz quando, ao invés de pôr em revisão o modo inteligente de percepção e vê-la como atividade vital para fins práticos, elabora conceitos dessa percepção para fins especulativos.

Por essa tendência se desenvolveram, como apresenta Bergson esquematicamente, a filosofia antiga e a moderna. Essas filosofias, mesmo pensando de maneira diversa a natureza dos dados da percepção, concordam em substituir o percebido pelo conceito. Diz o filósofo na sequência que “[...] Todas apelam, da insuficiência de nossos sentidos e de nossa consciência, a faculdades do espírito que já não são mais perceptivas, quero dizer, às funções de abstração, de generalização e de raciocínio” (Bergson, 2006, p. 152-153). A exigência parece ser a de voltar a consciência e o sentidos para a percepção e buscar, na percepção mesma, a continuidade que lhe é própria, de modo a colocar o pensamento em estado de prevenção sobre a tendência a

⁶ “[...] Conceber é um paliativo quando não é dado perceber, e o raciocínio é feito para colmatar os vazios de percepção ou para estender seu alcance” (Bergson, 2006, p. 121).

substituir a percepção pelas ideias que se formam a partir dos aspectos da realidade que se dão como semelhança aos sentidos e à consciência.

Esse procedimento deve colocar o pensamento em permanente tensão com os resultados obtidos da realidade, de modo a inclinar o entendimento a ver sempre as diferenças e as similitudes que caracterizam cada dimensão da realidade, gerando um movimento de pensamento capaz de progredir como ciência por estar sempre em disposição de se corrigir e se complementar. Parece-nos ser essa atitude que Bergson quer que a filosofia adote. Sua fala – após pôr em relevo os debates insolúveis entre filosofias, debates esses resultantes das concepções diversas e antagônicas sobre a realidade que se constituíram por efeito das abstrações e generalizações que cada filosofia operou sobre os dados da percepção – faz esse apelo ao convidar seu leitor a outra experiência possível.

Mas suponhamos que, ao invés de querermos nos elevar acima de nossa percepção das coisas, nela nos afundássemos para cavá-la e alargá-la. Suponham que nela inseríssemos nossa vontade e que essa vontade, dilatando-se, dilatasse nossa visão das coisas. Obteríamos desta vez uma filosofia na qual não se sacrificaria nada dos dados dos sentidos e da consciência: nenhuma qualidade, nenhum aspecto do real se substituiria ao resto sob pretexto de explicá-lo. Mas, sobretudo, teríamos uma filosofia à qual não seria possível opor outras, pois nada teria deixado fora de si que outras pudessem recolher: teria tomado tudo. Teria tomado tudo o que é dado, e mesmo mais que aquilo que é dado, pois os sentidos e a consciência, instados por ela a um esforço excepcional, ter-lhe-iam entregue mais do que fornecem naturalmente. À multiplicidade dos sistemas que lutam entre si, armados de conceitos diferentes, se sucederia a unidade de uma doutrina capaz de reconciliar todos os pensadores em uma mesma percepção – percepção que iria aliás se alargando, graças ao esforço combinado dos filósofos em uma direção comum (Bergson, 2006, p. 154-155).

O trabalho filosófico, assim querido, deve ser um esforço de unificação do movimento de investigação a partir da percepção, que amplia sempre mais seu alcance, à medida que a consciência e os sentidos se instalam na continuidade indivisível da realidade própria da percepção. Para tanto, como diz Bergson (2006, p. 163-164) ao abrir a segunda conferência, “[...] Trata-se de romper com certos hábitos de pensar e de perceber que se nos tornaram naturais. Cabe voltar à percepção direta da mudança e da mobilidade”. Ao seguirmos sua fala, vemos que esses hábitos se constituíram e estão firmados nas necessidades práticas. A percepção distinta, esta que compreende apenas o que contribui com a ação em curso, é a que produz a divisão da realidade e fixa o movimento segundo os momentos que interessam para o agir. O efeito último dessa atividade é a apreensão de uma realidade imóvel, sendo a mudança não outra ocorrência que a variação de posição no espaço.

Vemos, nessa conferência, Bergson fazendo esforço para mostrar que, para além dessa percepção que tudo divide em razão da vida se deter nos aspectos da realidade que se faz sua condição de ação, há uma continuidade indivisível que pode ser percebida em sua mudança e mobilidade concretas. Essa percepção é possível porque ela é mesmo o fluxo da realidade mediante a qual a consciência e os sentidos percebem distintamente. Em outras palavras, essa percepção acompanha, se assim podemos dizer, virtualmente, a noção que se atualiza nos sentidos e na consciência distinta. Mas, para perceber essa realidade em sua continuidade e indivisibilidade de movimento e mudança, faz-se necessária uma faculdade que seja capaz de ver e sentir, não segundo as necessidades práticas, mas, antes, sem qualquer interesse de utilidade. Essa faculdade é a intuição, que, de acordo com o filósofo, está em nós. Sua efetivação parece ser a própria experiência de consciência que se vê, ainda que distinta, em continuidade com a totalidade movente.

Essa experiência parece ser mesmo a primeira atitude intuitiva em que a consciência se compreende inserta numa realidade que pode ser percebida pela interioridade. Nessa experiência, assinala Bergson (2006, p. 182) ao final desse trabalho: “[...] O que havia de imóvel e de congelado em nossa percepção se reaquece e se põe em movimento. Tudo se anima à nossa volta, tudo se revivifica em nós. Um grande elã carrega todos os seres e todas as coisas. Por ele nos sentimos levantados, arrastados, carregados”. Este evento aparenta representar o oposto do que a faculdade inteligente propicia, uma vez que o exercício de sua função apreende a realidade como imobilidade, sem vitalidade própria. Sua funcionalidade natural está para selecionar aspectos da realidade que melhor respondam às necessidades práticas, efetuando uma limitação na percepção, invertendo o movimento da realidade para circunstanciar a materialidade de sua ação.

Mas ainda nos parece necessário pôr em relevo que, sem o desenvolvimento da inteligência, a vida não teria efetivado essa capacidade de ver a si em seu movimento próprio. Em outras palavras, somente em uma organização inteligente *pode* desabrochar e desenvolver-se a intuição. Situamos como possibilidade a ocorrência da intuição porque nos parece ser a inteligência uma condição necessária, mas não suficiente. Essa insuficiência fica clara pelo simples fato de observar que a vida humana não vive de modo predominantemente intuitivo, sendo já uma organização inteligente. Podemos mesmo observar, na filosofia de Bergson, que a inteligência, à medida que se mantém como atividade predominante, ofusca a intuição e impede que se efetive como experiência da continuidade movente da realidade. Mas, ainda que impedida de se efetivar como experiência predominante, vez por outra, e de modo esparso e fugidio, a intuição manifesta seu brilho pelo interior da espécie humana. Argumenta Bergson (1979, p. 234), ao final do terceiro capítulo d’*A evolução criadora*: “[...] A intuição está presente, no entanto, embora vaga e sobretudo descontínua. É uma lâmpada quase extinta, que só se reacende vez por outra, por alguns instantes apenas”.

Tudo parece indicar que as necessidades de espécie predominam, inclinando toda a atenção vital para a atividade de organização das condições materiais de sobrevivência, que é o trabalho primordial da inteligência. Especular sobre si numa atitude de viver por dentro sua própria natureza e se perceber como um movimento indiviso de criação contínua requer da vida um desprendimento das condições materiais que aprendeu a dominar, e das quais, por efeito colateral desse domínio, acabou por ficar cativa.

Nesse sentido, a intuição aflora e se desenvolve como um movimento de superação das condições materiais. Não estaria ela latente no todo da vida, esperando uma circunstância de liberdade? Ou melhor, não estaria a vida como um movimento de libertação, que, quando detido, tende a criar as condições que a façam expressão de liberdade? Não seria a inteligência a condição que a vida desenvolveu para se expressar livremente, mas que acabou se detendo no seu movimento, por efeito mesmo de sua função primordial que é organizar a matéria, para melhor arranjar os meios de sobrevivência? Mas não seria essa capacidade de organizar as condições de sobrevivência a razão de ela, a inteligência, ser o meio pelo qual a vida *pode* voltar a si e se fazer pensamento livre?

2 Inteligência e Intuição: duas atividades diversas da mesma consciência

As considerações de Bergson sobre a inteligência parecem indicar que essa atividade vital é, ao mesmo tempo, obstáculo e condição para que a vida expresse continuamente sua

natureza, que é a de ser criadora. Obstáculo porque ela, ao se efetivar como uma faculdade que tende naturalmente à exteriorização da realidade para, posteriormente, estabelecer os pontos mais favoráveis ao rearranjo que satisfaça os meios e os fins de sobrevivência do organismo para o qual ela se fez método de organização, condiciona a vida aos hábitos da matéria. Mesmo que o exercício de sua função acabe por envolver a vida nas determinações da matéria, parece ser a inteligência o meio pelo qual a vida avança sobre as necessidades de sobrevivência que a mantém cativa das circunstâncias imediatas. A vida, como organização inteligente, acaba por dominar os hábitos da matéria que ela teve que seguir ao longo de seu impulso e os coloca a seu benefício, criando a partir deles seus meios de liberdade.

Ao lançarmos um golpe de vista ao final do segundo capítulo d'A *evolução criadora*, vemos Bergson apresentar o desenvolvimento da atividade cerebral como capacidade de organizar os hábitos motores de modo diferente dos demais animais. O cérebro humano não desempenha mecanicamente os movimentos desenhados pelos hábitos adquiridos. Ele produz uma distância entre a representação e a ação, permitindo que outras vias de ação se desenhem como movimentos também possíveis. Esse procedimento cerebral, ao montar virtualmente vários mecanismos motores como resposta a uma única ação, permite ao ser inteligente ver os movimentos antes de realizá-los, tendo mesmo que decidir sobre qual executar. Ao atuar assim, o cérebro humano se mostra superior aos demais, pois é capaz de produzir vários movimentos para uma única ação e desempenhar, seja o que for, por efeito de decisão.

O efeito visível é a superação do automatismo funcional que a eficiência organizativa do instinto produziu vitalmente ao estabelecer o encadeamento perfeito entre a representação e a ação a cumprir, de modo a não haver espaço para hesitação e escolha. Nessa ordem de existência, a consciência, se assim é correto dizer, está toda detida no ato que se realiza, o que implica dizer que está adormecida. “[...] Mas, no homem, o hábito motor pode ter um segundo resultado, incomensurável com o primeiro. Ele pode impedir outros hábitos motores e, com isso, disciplinando o automatismo, pôr em liberdade a consciência” (Bergson, 1979, p. 165). A atividade cerebral humana, esse modo agora inteligente de operar sobre a realidade, mostra-se como o meio pelo qual a vida deu passagem para o exercício consciente, e isso fazendo dos próprios mecanismos resultantes de sua atividade organizativa as condições de sua liberdade.

Assim, parece que não se trata de expulsar o mecanismo, como se pudesse passar sem eles, mas sim de assimilá-los e colocá-los em operação adequada para que a vida se efetive como liberdade. É assim que o menino, conta-nos Bergson sob forma de anedota, tendo “[...] a ideia de ligar as manivelas das torneiras, por cordões, ao pêndulo da máquina”, se fez livre da obrigação de “[...] manobrar as torneiras, seja para introduzir o vapor no cilindro, seja para lançar a chuva fria destinada à condensação. Desde então, a máquina abria e fechava por si mesma as suas torneiras; ela funcionava sozinha” (Bergson, 1979, p. 165). Bergson conta essa anedota acerca da primeira máquina a vapor para destacar a diferença de natureza entre o cérebro humano e o dos outros animais, mesmo os mais evoluídos. O menino, representante do cérebro humano, ao fazer os mecanismos se regularem um pelo outro, faz-se livre da obrigação de corresponder com as exigências da máquina, podendo destinar o seu tempo às atividades de sua vontade, enquanto outro menino, que representa o cérebro dos outros animais, está preso à determinação dos mecanismos que deve manter em operação, o que acaba por torná-lo uma peça da máquina.

A inteligência se mostra, assim, um meio de liberdade, a condição necessária para a vida livre, porém parece-nos ainda que ela, por sua própria operação, não é suficiente para libertar a vida das determinações que resultam de seu envolvimento com a materialidade. O porquê dessa insuficiência reside na própria natureza de sua operação, que é fabricar, a partir da matéria

disponível, mecanismos de sobrevivência. Mas, ainda que em razão de ser ela uma atividade que se define pelas necessidades da matéria inerte, o que a faz insuficiente para conduzir a vida para liberdade plena de si é a condição mesma para a vida saltar sobre si e se encontrar livre. É para esse sentido que, em nossa leitura, Bergson aponta quando retoma a atividade fabricadora da inteligência. Diz ele:

É fato digno de nota a extraordinária desproporção entre as consequências de uma invenção e a própria invenção. Dissemos que a inteligência é modelada sobre a matéria e que ela visa primeiramente a fabricação. Mas fabricará por fabricar, ou acaso não procurará, involuntariamente e mesmo inconscientemente, algo inteiramente diverso? Fabricar consiste em dar forma à matéria, torná-la plástica e dobrá-la, convertê-la em instrumento a fim de ter domínio sobre ela. Esse *domínio* é que aproveita a humanidade, muito mais ainda que o resultado material da própria invenção. Se colhemos uma vantagem imediata do objeto fabricado, como o poderia fazer um animal inteligente, se mesmo essa vantagem fosse tudo o que o inventor procurasse, pouco significaria em comparação com ideias novas, sentimentos novos que a invenção pode fazer surgir sob todos os aspectos, como se tivesse por efeito essencial elevar-nos acima de nós mesmos e, com isso, ampliar nosso horizonte. Entre o efeito e a causa, a desproporção, no caso, é tão grande que é difícil tomar a causa por *ocasionadora* de seu efeito. Ela o *desencadeia*, atribuindo-lhe, é certo, sua direção. Tudo se passa, enfim, como se o domínio da inteligência sobre a matéria tivesse por principal objeto *deixar passar alguma coisa* que a matéria prende (Bergson, 1979, p. 164, grifos do autor).

Nessa fala de Bergson, vemos uma indicação de que a própria inteligência, como atividade fabricadora, recebe um impulso que não vem dela e que vai além dela. Sua atividade fabricadora se desenvolve impulsionada por motivações inconscientes e involuntárias. Ela fabrica, mas não sabe por que fabrica. E ainda: seu domínio sobre os componentes é apenas um meio de deixar passar algo que a matéria detém. Mas o que é esse algo que a matéria aprisiona e que é libertado quando a inteligência opera sobre ela seu domínio?

Tendo em vista que essa consideração bergsoniana encontra-se no final do segundo capítulo d'*A evolução criadora*, entendemos que se trata da consciência mesma. Importa mencionar que, nesse momento, o filósofo retoma o impulso vital como movimento de consciência, para, à maneira de revisão concisa, realçar que a vida, em sua trajetória evolutiva, carregada de materialidade, entra em estado de dormência quando se resolve nos automatismos funcionais e desperta diante das circunstâncias que exigem uma decisão sobre qual movimento realizar.

A inteligência, como já discutimos, ao se constituir como uma faculdade que deve, a todo momento, estabelecer os meios e os fins para que a ação em curso se realize de modo apropriado, acaba por colocar a consciência em estado de vigília permanente. Mas não se trata de pensar esse estado de vigília, que é o modo consciente de viver, como que respondendo às demandas da inteligência e cumprindo uma função subalterna, apenas indicando o movimento a ser seguido.

Para essa filosofia, a consciência é a vida mesma atuando e se vendo na capacidade de organizar seus meios de ação, de modo a ser a inteligência um de seus meios de organização a partir de que se torna capaz de apreender sua própria capacidade de invenção. Como observa Bergson, o que mais importa não é a invenção propriamente dita, mas as ideias e sentimentos novos que surgem com essa capacidade de inventar. Assim, ao dominar a matéria e dar-se conta reflexivamente desse domínio por meio da inteligência, a vida se levanta sobre si e vê seu horizonte se ampliar. Consciente de sua capacidade inventiva, a vida pode antecipar suas necessidades em curso e se organizar no presente a partir de condições que o futuro próximo apresenta como exigência em vias de se realizar.

Não mais presa às necessidades imediatas e vendo-se efetivamente capaz de organizar a matéria e colocá-la à disposição de sua vontade, *a vida*, neste modo de organização, o inteligente, sente que se libertou em boa medida das determinações materiais e que está livre – à maneira do menino da primeira máquina a vapor, anteriormente relatada – para experimentar a existência de um modo todo próprio. A inteligência desencadeia esse modo de sentir e de viver, *mas não contém em si os efeitos que seu ato ativa*, configurando o meio de passagem que o impulso vital engendra para prosseguir em seu movimento criador. Isso porque a inteligência, em sua atividade de fabricar, efetiva seu domínio sobre a matéria visando, primordialmente, à utilidade. Nesse sentido, a vida, se tivesse intelecção por sua expressão última, permaneceria absorta na atividade que realiza. Sua atividade tenderia a fabricar utensílios de sobrevivência e nessa ação se deteria. Mas sua atividade desencadeia uma vivência que ela mesma não é capaz de produzir como seu efeito. A inteligência aparece como o meio que a consciência, como atividade ela mesma inventiva, desenvolveu para dominar a matéria e superar as suas determinações.

No fundo, vemos Bergson mostrando a consciência como mestra de todo o processo, como atividade contínua de criação sempre a inventar seus meios de libertação quando detida em seu movimento criador. O que estamos a assinalar é que a inteligência não é uma atividade em separado da vida em seu impulso vital, ou seja, a inteligência não se separa da corrente de consciência ao se atualizar. Ela é de fato o impulso vital se efetivando de um certo modo, ou a consciência seguindo uma direção específica de domínio. Diz Bergson, ao pensar, ainda no final do segundo capítulo d'*A evolução criadora*, os avanços e as limitações que o impulso vital viveu em seu envolvimento com a matéria:

[...] a consciência, determinando-se como inteligência, isto é, concentrando-se primeiro na matéria, parece desse modo exteriorizar-se em relação a si mesma; mas, precisamente pelo fato de que se adapta aos objetos de fora, ela chega a circular no meio deles, a contornar as barreiras que eles lhe opõem, a dilatar infinitamente seu domínio. Uma vez liberada, ela pode aliás voltar-se para o interior, e despertar as virtualidades de intuição que ainda adormecem nela (Bergson, 1979, p. 163-164).

Todo o processo é de consciência. É ela que se determina em inteligência e que pode voltar para o interior e despertar as virtualidades de intuição nela adormecidas. Vemos, na leitura de Bergson, a vida como esforço permanente para se manter como consciência desperta, mas sempre em risco de adormecer ao longo de sua jornada. O último esforço é o de desadormecer as virtualidades de intuição. Esse despertar parece ser uma exigência vital, um movimento de consciência que quer recobrar a si em sua natureza. A vida, ao efetivar o método de organização inteligente, parece ter criado uma condição necessária, ainda que não suficiente, para seu despertar intuitivo. Isso porque, com o desenvolvimento da inteligência, a consciência ganhou domínio progressivo sobre a realidade apreendida materialmente e se aperfeiçoou na capacidade de dispor dessa realidade segundo suas necessidades vitais de sobrevivência.

Essa circunstância bem resolvida, isto é, essa realidade organizada de modo a deixar à disposição as condições de satisfação das necessidades vitais, propiciaria à consciência uma margem de liberdade a ser usufruída segundo sua vontade, que pode ser a de conhecer-se em sua natureza. Nesse ato de vontade, a consciência desviaria seu olhar da matéria já organizada inteligentemente para voltar-se sobre si, e, refletindo a si mesma em sua atividade, vê a si em seu próprio movimento criador.

Assim, vemos que, primeiro, a inteligência coloca a vida em estado de hesitação em face das necessidades de sobrevivência, pois ela se desenvolve na ocasião em que certa linhagem

vital não conta mais com as condições de organização interna. Depois, e diante da insuficiência interna de organização, a vida pela inteligência passa a dominar a realidade pela exterioridade para sobre ela forjar seus meios de sobrevivência. A consciência, desperta agora em razão da exigência de produzir a todo momento as condições de sua ação, vê-se como capacidade de dominar a matéria e de fabricar seus próprios meios de sobrevivência. Tomando posse plena desse domínio e ampliando ao máximo a abrangência de sua operação, a consciência cria as condições de sua liberdade ao dispor os mecanismos em ordem de funcionamento segundo suas necessidades vitais.

A intuição, por seu turno, como atividade de pensamento que não está voltada para as questões imediatas da existência, parece requerer uma organização que libere a consciência das necessidades materiais. Em outras palavras, a intuição, para se atualizar como movimento de consciência, precisa que a vida esteja organizada de maneira que as funções orgânicas se encontrem em boa medida resolvidas, de maneira a poder refletir sobre as questões referentes às suas origens e fundamento sem precisar prender-se à materialidade que a entorna existencialmente.

Lemos o filósofo, em outras ocasiões (a citação acima, por exemplo, indica algo nesse sentido), enunciar que “[...] Antes de filosofar, é preciso viver; e a vida exige que ponhamos antolhos, que não olhemos à esquerda, à direita ou para trás, mas sim reto à nossa frente na direção que devemos seguir” (Bergson, 2006, p. 157-158). Essa última fala, extraída do trabalho “A percepção e a mudança”, presente n’*O pensamento e o movente*, está a mostrar que se faz necessário um deslocamento da atenção para ver e perceber para além do que se dá aos sentidos e à consciência. Estes que, evolutivamente, foram regulados para perceber a realidade segundo as necessidades vitais de sobrevivência. Nesse sentido, o domínio consciente da matéria, isto é, o uso adequado das capacidades intelectuais sobre as necessidades vitais, gerador de suprimentos de existência, deixa a vida livre para voltar sobre si como movimento de compreensão de si.

Essa circunstância *parece ser* a condição necessária a partir da qual a consciência pode voltar para o interior e despertar as virtualidades de intuição nela adormecidas, pois conseguiu contornar os obstáculos que a matéria lhe impôs ao longo de sua trajetória e, colocando-os sob seu domínio, criou junto à materialidade sua condição de liberdade. A inteligência, nessa leitura, parece já compreender um trabalho que a vida consciente realiza sobre si como esforço de superação das determinações que a materialidade lhe impôs em seu movimento evolutivo, mas que não basta, por si mesmo, para efetivar o que é mais fundamental para a vida se libertar e realizar seu potencial criativo. É preciso um outro gênero de trabalho consciente, não mais sobre a matéria, esta já inteligentemente dominada, mas sobre si, agora como um esforço de interiorização que revele a natureza mesma da realidade que a compreende.

Encaminhamos desse modo a leitura da filosofia de Bergson para destacar que a intuição está implicada no processo evolutivo, de maneira que a vida, enquanto impulso, consiste em movimento de consciência que tende a coincidir consigo ao se compreender em sua realidade e assim se ver em seu próprio movimento criador. A determinação da consciência em inteligência é uma decorrência dessa busca, uma vez que foi com ela que a vida se libertou do automatismo funcional que resulta naturalmente da organização instintiva. Mas como esse movimento se deu mediante um processo de exteriorização, a vida, entendida tal como acabamos de precisar, se fez consciência da exterioridade e tornou-se incapaz de voltar a si e ver-se em sua natureza mais interior.

Não obstante o movimento vital pela inteligência ter-se determinado como consciência da exterioridade, traz em si a tendência que, quando vivificada, desperta como consciência

capaz de mover-se pelo interior sem se exteriorizar. Esse movimento pela interioridade, como podemos observar na fala de Bergson ao final do terceiro capítulo d'A *evolução criadora*, propriamente na seção "Significação da Evolução", é uma direção que pode ser desenvolvida pelo trabalho de consciência na espécie humana, o que faz da intuição uma atividade a ser reco-brada com vivência consciente.

A partir dessa leitura, Bergson nos aponta a intuição como uma atividade de consciência diferente daquela que decorre do trabalho inteligente, não em grau de complexidade, mas em natureza. A consciência que se desenvolve como intuição reflete um trabalho inverso ao que a inteligência conduz: ela, a intuição, é um movimento de consciência que quer ver a si pela interioridade, ao passo que a inteligência é a vida exteriorizando-se em relação a si mesma. Desses dois movimentos de consciência, virtualmente existentes na origem, foi, no entanto, a inteligência que se atualizou e desenvolveu de modo predominante, ficando a intuição em estado de virtualidade, a depender de esforços individuais para se efetivar como consciência.

Diz ele nessa ocasião: "[...] A consciência, no homem, é sobretudo inteligência. Ela poderia, deveria ter sido, ao que parece, também intuição. Intuição e inteligência representam duas direções opostas do trabalho consciente" (Bergson, 1979, p. 233). Na sequência, Bergson nos mostra que a intuição caminha no sentido da vida, ao passo que a inteligência se desenvolve em direção inversa, pois seu objeto é a matéria inerte. Desses dois movimentos de consciência, a intuição foi, relata o autor nessa ocasião, demasiadamente diminuída, quase neutralizada pelas determinações que as necessidades vitais implicaram: "[...] De fato, na humanidade de que fazemos parte, a intuição acha-se quase completamente sacrificada à inteligência. Parece que, ao conquistar a matéria, e a se recuperar, a consciência teve que esgotar o melhor de sua força" (Bergson, 1979, p. 234).

Mesmo que *quase* completamente sacrificada à inteligência, a intuição, insiste o filósofo, vez por outra recobra sua força e lança luz, ainda que por duração pequena, sobre a direção adotada, dando à consciência a percepção, como que por clarão repentino, de que está, ao avançar por essa via, afastando-se continuamente de si. É preciso mudar de direção, mas esse outro trabalho de consciência, essa intuição que conseguiu por alguns instantes se colocar em atitude de revisão da trajetória a que a inteligência a encaminha, é o suficiente apenas para advertir do desvio de movimento adotado. Parece pouca coisa, mas trata-se da própria vida tensionando a si mesma, pondo em questão as determinações que a envolvem ao adotar tal direção. Parece mesmo que, nesse clarão intuitivo, o impulso vital reflete sobre sua atividade, a inteligente, dando ensejo para que esse movimento reflexivo se mantenha e se alargue como tendência em atualização contínua.

Considerações finais

A intuição, como buscamos apreciar a partir da filosofia de Bergson, mostra-se como um modo de ser da consciência, assim como a inteligência. Dessa forma, a intuição é um ato de consciência que se auto experiencia ao fazer o movimento inverso ao que tende como método de organização inteligente da realidade. É nessa inversão de movimento que está o início da intuição, ou seja, nessa ação em que a consciência reflete sobre sua atividade, a inteligente, e, por alguns instantes, submete a revisão as determinações próprias dessa atividade. A moção de inversão, essa suspensão que a consciência faz do movimento inteligente que a alinhava com a matéria, essa atitude de voltar sobre si como reflexão de sua atividade vital, tem seu início quando a vida, agora como organização humana, encontra-se diante de um impasse existencial, diante da exigência de pensar sobre sua condição de existência.

Nesse sentido, a ocorrência da intuição, essa consciência reflexiva de si, vem por exigência vital, sendo, como estamos a destacar, um movimento implicado na própria evolução. Mas a efetivação prolongada, isto é, a manutenção dessa atividade de reflexão, a vivência duradoura dessa consciência que pensa sobre sua condição existencial e se faz capaz de orientar sua atividade em favor da continuidade de si integrada ao todo que a contém, depende de um esforço.

Estamos aqui diante da tendência vital da consciência a atualizar-se como intuição, o que implica dizer que trata-se de uma atividade natural à própria vida, e, ao mesmo tempo, estamos em presença da exigência de um esforço que a prolongue para além do momento de sua ocorrência fugidia. Isso porque, sem o esforço da consciência para se manter na intuição inicial, nesse ato reflexivo em que a consciência põe em alerta suas direções adotadas como únicas, os lampejos de intuição são novamente obscurecidos pelas necessidades da vida prática.

Por conseguinte, Bergson apresenta esse trabalho como sendo próprio à filosofia. Diz ele, ainda no final do terceiro capítulo d'*A evolução criadora*: "[...] A filosofia deve apoderar-se dessas intuições fugidias, e que só iluminam seu objeto de longe em longe, primeiro para as sustentar e depois para as ampliar e as harmonizar desse modo entre si" (Bergson, 1979, p. 234). Essa atividade filosófica, prossegue ele, irá mostrar a intuição como sendo "[...] o próprio espírito e, em certo sentido, a própria vida: a inteligência nela se destaca por um processo imitador daquele que engendrou a matéria. Desse modo é que aparece a unidade da vida mental" (Bergson, 1979, p. 234).

A intuição é, em certo sentido, considerada pelo filósofo como a própria vida. Entendemos que esse "certo sentido" é vida como experiência consciente, pois, em outro sentido, como no caso do instinto, segue suas atividades, em geral, de modo não consciente. A inteligência se destaca no movimento vital como um processo imitador que engendrou a matéria – como podemos ler na seção em que Bergson pensa a "gênese ideal da matéria" no terceiro capítulo d'*A evolução criadora* –, constituindo-se como método de organização da realidade pelo que pode ser dela apreendido ou traduzido como exterioridade. A vida, como estamos a apreciar, é duração, isto é, continuidade indivisa. Mas foi ela mesma quem desenvolveu a inteligência e passou a se movimentar em sentido inverso ao seu; fez-se movimento junto à matéria.

Segundo essa reflexão, podemos considerar que, se a intuição, no sentido de ser consciência, é a própria vida, e a inteligência é um movimento que se desenvolve nela por inversão, o próprio movimento da inteligência se constitui como movimento de inversão da intuição, de modo a ser uma única consciência a seguir dois sentidos diversos. A vida mental humana traz essas duas ações em condições de efetivação, ainda que, por força das necessidades de organizar a matéria para fabricar meios favoráveis à sobrevivência, a consciência se tenha atualizado predominantemente em inteligência, deixando o movimento de intuição em latência em seu interior.

Referências

- BERGSON, H. *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- BERGSON, H. *L'évolution créatrice*. Paris: Quadrige; PUF, 2009. (Le choc Bergson).
- BERGSON, H. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos).
- DELEUZE, G. *Bergsonismo*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. (Coleção TRANS).

FRANÇOIS, A. (Ed.). *L'évolution créatrice de Bergson*. Paris: VRIN, 2010.

HUSSON, L. *L'intellectualisme de Bergson: genese et développement de la notion bergsonienne d'intuition*. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.

PAIVA, R. *Subjetividade e imagem: a literatura como horizonte da filosofia em Henri Bergson*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas; Fapesp, 2005.

RIQUIER, C. (Dir.). *Bergson*. Paris: Les Éditions du CERF, 2012.

WORMS, F. *Bergson ou os dois sentidos da vida*. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.

Sobre o autor

Sinomar Ferreira do Rio

Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Recebido em: 27/03/2025
Aprovado em: 08/05/2025

Received in: 03/27/2025
Approved in: 05/08/2025